

PROMOÇÃO DE SAÚDE E EMPODERAMENTO: OFICINAS COM JOVENS MÃES DE ERMELINO MATARAZZO

*Jacqueline Isaac Machado Brigagão**, *Roselane Gonçalves**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir as estratégias de promoção de saúde e o empoderamento das participantes do projeto **Oficina de Promoção de Saúde com jovens de 12 a 19 anos**. Trata-se de um projeto de extensão desenvolvido desde novembro de 2006, no bairro de Ermelino Matarazzo. O projeto iniciou-se com o duplo objetivo de ampliar a formação dos alunos acerca da promoção da saúde e atender as demandas da região no entorno da Escola de Artes, Ciências e Humanidades. A questão da maternidade precoce e das dificuldades vivenciadas por jovens mães no bairro foi apontada como uma das necessidades de intervenção. O projeto é coordenado por duas docentes da Escola de Artes, Ciências e Humanidades e por alunas voluntárias e bolsistas do curso de Obstetrícia. A discussão apresentada neste artigo se refere aos anos de 2007 e 2008. Os impactos qualitativos e o empoderamento, muitas vezes, são difíceis de avaliar, mas podemos dizer que nos relatos das participantes é possível observar mudanças significativas no modo de se relacionar com os companheiros, famílias e a sociedade de um modo geral.

Palavras-chave: Empoderamento. Promoção de saúde. Jovens.

ABSTRACT

The main goal of this article is to discuss the strategies of health promotion and the empowerment of the participants of the project: **Health Promotion's workshop with youth 12 to 19 years**. This is a project developed since November of 2006 in the Ermelino Matarazzo. The project began with the dual aim of expanding the training of students about health promotion and to meet the demands of the neighborhood of the University. The issue of early motherhood and the difficulties experienced by young mothers in the neighborhood was identified as one of the needs of intervention. The project is coordinated by two professors and students of Escola de Artes, Ciências e Humanidades. The discussion presented refers to the years 2007 and 2008. The qualitative impacts and empowerment are often difficult to assess, but we can say that in the reports of participants is possible to observe significantly changes in the relationship with their peers, families and society in general.

Key words: Empowerment. Health promotion. Youth.

* Professora Doutora do curso de Obstetrícia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo — Av. Arlindo Bettio, 1000 — Ermelino Matarazzo — São Paulo-SP — CEP: 03828-000. E-mail: jac@usp.br e roselane@usp.br.

AS OFICINAS E A PROMOÇÃO DE SAÚDE

Este artigo tem por objetivo discutir as estratégias de promoção da saúde utilizadas no projeto *Oficina de Promoção de Saúde com jovens de 12 a 19 anos*.¹ Ao iniciarmos o trabalho na EACH-USP, decidimos que iríamos conhecer a comunidade e buscar identificar os problemas da região antes de propormos projetos de extensão. Iniciamos um diálogo com as lideranças locais, fomos conhecer um pouco da região e nos disseram que um dos grandes problemas do bairro era as adolescentes que ficavam grávidas e que, muitas vezes, tinham mais de um filho antes dos 20 anos. Assim conhecemos a casa onde as voluntárias da igreja realizam atividades com grupos de gestantes de todas as idades nas quais elas confeccionam enxovais para os bebês. Depois de conversar com as voluntárias, decidimos que no espaço da casa (denominada pelas voluntárias de “Casa da Mãe Gestante”) iríamos fazer um grupo semanal com jovens mulheres, grávidas ou não, que decidissem participar. Enviamos o projeto para a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão e conseguimos uma bolsa para uma das alunas que já participava voluntariamente do projeto. Durante todo esse período, o projeto contou com a participação de alunas do curso de Obstetrícia da EACH.

Assim, em novembro de 2006, iniciamos o grupo que chamamos de *oficina de bijus*, cuja ideia era promover um espaço de conversa e de trocas onde poderíamos, na medida do possível e das demandas apresentadas pelas participantes, realizar discussões sobre as relações de gênero, saúde, direitos humanos e os temas trazidos por elas. Porém, como uma estratégia de articulação do grupo, decidimos que faríamos bijuterias, muito mais como uma tarefa facilitadora dos diálogos e da expressão da criatividade do que com objetivos de geração de renda. Devido às dificuldades econômicas vividas pelas participantes do grupo, atualmente fazemos lembrancinhas de *biscuit* e estamos conseguindo lentamente gerar uma renda mínima para as participantes. Vale ressaltar que convidamos para o grupo as meninas que já eram cadastradas na casa, e que estavam na faixa etária estipulada. Apesar de o grupo ser aberto para jovens em geral, até hoje a participação tem sido predominantemente de gestantes e jovens

mães. Todas as participantes estavam grávidas quando vieram para o grupo e continuam frequentando o trabalho após o nascimento dos seus filhos.

A realização de *oficinas* possibilita o contato e o desenvolvimento de atividades que buscam desenvolver as potencialidades das participantes. Trata-se de um espaço privilegiado que permite desenvolver atividades específicas e rodas de conversas sobre as necessidades de saúde das participantes do grupo e as estratégias que elas podem encontrar para superar essas necessidades.

As oficinas são realizadas semanalmente durante uma hora e meia e as rodas de conversa permitem a emergência de diversos temas e de trocas de saberes entre as participantes do grupo. Durante as atividades busca-se criar um ambiente de reflexão grupal em que as jovens são convidadas a discutir suas vivências grupais relacionadas à própria maneira de pensar, agir e elaborar significados (SILVA; PAIVA; MIRANDA; 2004).

Nestes dois anos de projeto passaram pelo grupo 20 jovens aproximadamente, com idades variando entre 12 a 25 anos de idade. Algumas pararam de frequentar o grupo porque conseguiram trabalho e não têm mais disponibilidade para participar e outras porque mudaram de bairro. Atualmente o grupo é frequentado por nove jovens, sete já são mães e duas estão grávidas, sendo que uma está com seis meses e a outra com um mês de gestação. A maioria das participantes leva as crianças ao grupo, ao passo que também são desenvolvidas atividades específicas com elas. Estas crianças têm idades que variam entre 1 mês a 5 anos.

O trabalho é orientado por uma perspectiva teórica, que focaliza a construção social de gênero, raça e classe social e que entende que as participantes das oficinas fazem parte de uma rede de relações complexa que não permite explicações simplistas para os temas discutidos nas oficinas. Durante as oficinas, as discussões buscam desconstruir noções e repertórios historicamente associados às relações de poder desiguais entre homens e mulheres e possibilitar a co-construção de novos sentidos, além de viabilizar o exercício de novos arranjos coletivos.

Neste trabalho focalizaremos o empoderamento² das participantes como um dos resultados das atividades de promoção de saúde desenvolvidas nas oficinas.

1 À medida que o grupo foi se configurando tornou-se necessário ampliar a faixa etária das participantes para as jovens de 13 a 26 anos.

2 O termo empoderamento será utilizado no texto como equivalente da palavra de origem inglesa *empowerment*.

Segundo Buss (2000, p. 164), a promoção de saúde é entendida como:

...uma estratégia promissora para enfrentar os múltiplos problemas de saúde que afetam as populações humanas e seus entornos neste final de século. Partindo de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, propõem a articulação de saberes técnicos e populares e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, para seu enfrentamento e resolução.

Assim, o nosso trabalho busca promover essa noção ampliada de saúde e auxiliar as jovens a reconhecer as próprias necessidades de saúde e as necessidades dos grupos em que participam, bem como desenvolver o potencial de realizar escolhas que possibilitem novas relações com o mundo e o exercício da autonomia. Deste modo, o trabalho de promoção de saúde está diretamente relacionado ao processo de empoderamento das participantes. Ou seja, trata-se de uma leitura teórica que compreende que as ações de saúde ocorrem em um determinado contexto histórico social e político, onde as relações de poder são pautadas pelas desigualdades e que é preciso desenvolver estratégias de redistribuição do poder que passam pelo empoderamento individual e no fomento do empoderamento social. Trata-se de um processo que necessita do desenvolvimento crítico dos indivíduos como citado por Carvalho (2004):

Embora o desenvolvimento crítico dos indivíduos não seja suficiente para a transformação da sociedade, ele é absolutamente necessário para que ela ocorra, uma vez que o envolvimento em processos de mudança demanda um mínimo de percepção do poder individual que sustente um processo produtivo de convivência nos espaços coletivos.

Nesta perspectiva, o empoderamento individual ou psicológico, como denominam alguns autores, é um dos fatores facilitadores do empoderamento social que é o objetivo central do trabalho com as oficinas. Concor damos com Carvalho e Gastaldi (2008, p.2037) quando afirmam que:

Entendemos que o que torna atrativa a proposta de empoderamento social é a sua capacidade de articular estratégias e valores apontando em direção a uma utopia/expectativa coletiva de justiça social. No contexto brasileiro, onde as carências e

a exclusão social são elementos que delimitam o potencial de qualidade de vida e saúde ao alcance da maioria, promover saúde deve ser sinônimo de transformação social na direção da justiça e inclusão. Julgamos, portanto, que a estratégia/conceito de empoderamento social, que tem fortes raízes nos trabalhos de Paulo Freire, pode contribuir para a sempre necessária (re) politização dos debates e das práticas em saúde.

Apresentaremos a seguir a discussão sobre como este processo tem ocorrido nas oficinas e uma leitura qualitativa de como essas discussões tem repercutido nos discursos e nas relações estabelecidas dentro e fora do grupo.

O PROCESSO DE EMPODERAMENTO

O processo de empoderamento tem sido lento e gradativo. As jovens que chegam ao grupo manifestam dificuldades básicas de expressar seus pensamentos e vivenciam situações de dependência econômica. A maioria delas não possui renda e quando tem é fruto da pensão judicial paga pelo pai do bebê, sendo utilizada para pagar as despesas básicas com aluguel e alimentação. As moradias, em geral, são muito pequenas, compostas de, no máximo, três cômodos; as condições de vida são precárias. Vale lembrar que a dependência dos companheiros e familiares não é somente econômica, mas também social e psicológico-afetiva devido à pouca idade das jovens e a própria vivência da maternidade, o que agrava ainda mais a sua situação de vulnerabilidade.

Neste sentido, o trabalho com as oficinas, enquanto estratégia de intervenção social, cujo objetivo é o empoderamento social individual/coletivo, envolve um longo processo de discussão que inclui a revisão dos modos de se relacionar com os outros, a busca do reconhecimento do poder de cada uma para decidir os próprios caminhos e a leitura de que ações coletivas e colaborativas são capazes de gerar transformações sociais que possibilitam a emergência de novas realidades.

Por outro lado, considerando o contexto em que essas jovens vivem as relações de gênero, ainda são muito desiguais e é preciso desconstruir práticas discursivas de subordinação e desvalorização da mulher, bem como noções idealizadas de maternidade e da inevitabilidade dos lugares sociais destinados às mulheres em condi-

ções de pobreza. A principal estratégia que utilizamos é a de possibilitar um clima de abertura, onde se pode falar sobre tudo e, na medida em que todas as participantes contam suas histórias e se posicionam (incluindo as coordenadoras), as noções e práticas discursivas, ancoradas em repertórios historicamente construídos, vão sendo problematizadas e desconstruídas. Trata-se de um processo lento e realizado no coletivo.

Uma das primeiras noções que começamos a desconstruir foi a de que a pobreza é inevitável, permanente e que as coloca em estado de subordinação constante. Aos poucos, esta noção compartilhada pelo grupo está sendo transformada e as participantes passam a acreditar na possibilidade de reversão desta situação através da participação ativa e da busca de novas oportunidades. Ou seja, oportunidades que não tiveram ao longo da vida, mas que podem vir a ser conquistadas. Foram essas discussões que levaram as jovens a discutir alternativas de geração de renda e que fez com que ampliássemos as ações do grupo para a confecção de peças de *biscuit*, o que pareceu a todos muito mais lucrativo.

Um exemplo concreto do processo de construção de novos sentidos e de novas possibilidades de ocupar outros papéis na sociedade pode ser observado nas discussões sobre a continuidade dos estudos. Como a média de idade das participantes do grupo está entre 16 e 18 anos, a maioria delas engravida cursando o Ensino Fundamental II ou o Ensino Médio. Durante as atividades grupais eram muito comuns relatos sobre o desejo de parar de frequentar a escola. As jovens afirmavam que era difícil assumir o lugar da “diferente” e da “grávida” no contexto da sala de aula, que se sentiam constrangidas e por esse motivo optavam por não frequentarem mais as aulas, abandonando a escola. Fazíamos várias discussões sobre essa temática e todos se posicionavam. Problematizávamos sobre as oportunidades profissionais que os estudos poderiam propiciar. Algumas delas que permaneceram na escola ressaltavam que a escola representava a possibilidade de sair de casa e conviver fora do restrito universo doméstico. A influência dessas discussões pode ser observada em uma conversa entre uma participante veterana e duas novas participantes³, em outubro de 2008:

(Eduarda) — *Ah, está muito difícil ir à escola, tenho muito sono porque o bebê não dorme direito e nem eu, me sinto cansada, exausta e ainda tenho que fazer as lições, não sei se aguento...*

(Vitória) — *Aguenta sim, agora que você foi a gravidez inteira e você já está terminando a oitava série. Dorme de dia, quando o bebê dormir!além do que, lembra daquele estágio que te falei que é remunerado, que eu fiz ano passado, eles só pegam se estiver na escola.*

(Paula) — *Pior sou eu que parei e queria voltar, mas não tenho com quem deixar o bebê... Minha mãe trabalha, meu marido vive de bico e não consigo pagar ninguém para cuidar dela. Então fico em casa o tempo todo com ela, só saio para vir às oficinas....*

(Vitória) — *Já foi na creche dar o nome dela? Tem que fazer inscrição agora para pegarem no ano que vem. Você tem que insistir porque creche aqui só insistindo muito... Aí você volta para escola de manhã no horário que ela estiver na creche. Agora que eu já terminei os estudos, já consegui creche para o meu filho, o que eu quero é um emprego e fazer uma faculdade para poder ter uma vida melhor.*

O diálogo acima evidencia o reconhecimento da importância de estudar e do potencial de cada uma para lutar por creche e, assim, ter possibilidades de trabalho e crescimento pessoal e profissional, não tendo que ficar aprisionada somente no papel materno.

Esse processo de buscar estudar e ampliar os horizontes profissionais nem sempre é fácil, já que, do ponto de vista concreto, na região há um déficit significativo de vagas em creches e muitas das jovens somente conseguem vagas depois do primeiro ou segundo ano de vida dos filhos. Algumas vezes, as conversas grupais apontavam também a forte interferência de companheiros ciumentos e controladores na tomada de decisão e os encaminhamentos necessários para que as jovens pudessem sair da condição de subordinação, vinculada ao papel social imposto pelas noções socialmente construídas sobre a maternidade, que levam os homens a não concordarem que os filhos vão para as creches, atribuindo à mulher toda a responsabilidade pelos cuidados com os filhos.

Desta forma, a falta de um local seguro onde possam deixar seus filhos e o posicionamento contrário dos seus parceiros quanto à busca por trabalho remunerado

3 Todos os nomes utilizados no texto são fictícios.

configuram-se como fator determinante sobre as decisões a serem tomadas pelas mulheres.

Em contrapartida, nas oficinas temos trabalhado com a noção *Foucaultiana* de que todo poder sempre gera uma resistência, ou seja, buscamos discutir e problematizar quais são as estratégias de resistência ou de contrapoder que elas podem desenvolver e utilizar no cotidiano das relações, buscando melhores condições de vida não só para elas, mas para todos no bairro. Gradativamente, estas ações têm se ampliado para as relações como um todo e as participantes do grupo têm assumido um papel mais ativo na luta por creches para a região. Elas são multiplicadoras da máxima de que as creches públicas são um direito das mães e das crianças e que todas devem se inscrever e insistir para que haja vagas para todas as crianças do bairro.

Um outro aspecto que precisa ser destacado é que os encontros grupais semanais possibilitam a troca de experiências e a criação de vínculos que extrapolam o contexto dos grupos. Como já dissemos, a população atendida no projeto é composta por mulheres jovens em situação de pobreza que enfrentam dificuldades sociais e econômicas. O grupo tornou-se para elas um lugar seguro e de troca de afetos que lhes permite vislumbrar diferentes modos de viver e, mais que isso, proporciona-lhes a possibilidade de contar com as colegas do grupo fora do contexto dos encontros semanais. Ou seja, as relações se ampliam para o contexto externo ao grupo e às vezes as jovens passam a se encontrar e se ajudar no cotidiano. Vejamos uma das histórias.

Ano passado havia duas gestantes no grupo que eram vizinhas. Antes de participarem do grupo elas se viam, mas não se falavam. Depois, passaram a fazer o trajeto para as oficinas juntas. Na medida em que a gestação avançava, uma delas, que já estava há três semanas da data prevista para o parto, pediu à colega e vizinha que ficasse com ela à tarde porque, se algum imprevisto ocorresse, ela teria com quem contar para chamar o companheiro. Toda tarde, uma fazia companhia para a outra e uma ajudava a outra a vivenciar a expectativa da chegada do bebê.

Importante ressaltar que adotamos neste projeto a ideia *empoderamento social/coletivo* que se traduz como um modo de ver o mundo enquanto um lugar que, gradativamente, vai sendo construído e onde é possível realizar novas conquistas. Aos poucos, nas oficinas, vai sendo construída a noção de que um mais um é sempre

mais que dois e que as redes sociais são fundamentais para garantir um mundo melhor para todas.

No trabalho grupal as relações estabelecidas entre seus integrantes estão pautadas nos princípios da relação democrática onde todos os participantes são tratados como iguais. As coordenadoras assumem uma relação o mais horizontal possível nas discussões e, no processo de problematização, ficam evidentes os diferentes posicionamentos dos membros do grupo, havendo uma leitura clara para cada um de que nem sempre há concordância nas opiniões sobre os diversos assuntos discutidos, mas que isso não impossibilita a permanência no grupo, mesmo que se tenha posições diferentes. Trata-se do reconhecimento da liberdade de ser, pensar e agir, não como característica restritiva de relações, mas como possibilidade de trocas e respeito mútuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto continua sendo desenvolvido e, por solicitação da coordenação da Casa da Mãe Gestante, a faixa etária para ingresso no grupo foi ampliada para até 26 anos, tendo em vista novas demandas identificadas ao longo do tempo.

Desde o início, as oficinas foram orientadas por uma perspectiva de promoção de saúde que busca valorizar os saberes locais e a noção clara de que as ações devem ser ampliadas para além da singularidade das participantes e incluir os grupos sociais aos quais pertencem. Um outro aspecto que orienta o trabalho é o entendimento de que o ser humano é construído socialmente nas relações que estabelece ao longo da vida e que as desigualdades de gênero são determinantes no processo de construção dos papéis masculinos e femininos. Assim, as ações buscam problematizar os lugares de gênero e as influências destes nos modos de vivenciar os conflitos do cotidiano, de exercer a maternidade, de estabelecer relações amorosas e o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos.

Do ponto de vista metodológico, as oficinas são entendidas como dialógicas, ou seja, o foco está nos diálogos e trocas de experiências, bem como nas novas modalidades de relação aprendidas dentro do grupo, que possibilitam transformações significativas nas relações que se estabelecem no cotidiano.

A avaliação da aceitação do trabalho pelas jovens baseia-se na participação e na frequência das mesmas

nas oficinas, além dos relatos do tipo: “...*nesse grupo aprendemos coisas novas, podemos falar sobre todas as coisas e somos aceitas como somos...*” (Denise).

Uma análise qualitativa dos resultados nos permite identificar que as atividades desenvolvidas nas oficinas possibilitaram o empoderamento individual das participantes, evidenciado pelas falas registradas durante as rodas de conversa e nas atitudes demonstradas pelas jovens diante de situações do seu cotidiano. O empoderamento coletivo se expressa, de forma mais sutil, nos discursos em que elas se reconhecem como sujeitos de direitos, que reivindicam trabalho, creches para seus filhos, escolas e áreas de lazer no bairro para si e para os demais.

No que se refere ao ensino, os resultados alcançados no trabalho com as oficinas de promoção da saúde apresentados neste artigo reforçam a crença das pesquisadoras de que o processo de ensino-aprendizagem é contínuo e extrapola os muros da Universidade, tendo potencial para transformar o tradicional *fazer em saúde* em práticas efetivas de ação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUSS, Paulo M. **Promoção de saúde e qualidade de vida.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.163-177, 2000.
- CARVALHO, Sérgio R. **Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, aug. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000400024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 abr. 2009.
- CARVALHO, Sérgio R.; GASTALDO, Denise. **Promoção à saúde e empoderamento: uma reflexão a partir das perspectivas crítico-social pós-estruturalista.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 abr. 2009.
- SILVA, Marcos V; PAIVA, Danielle Laísa O.; MIRANDA, Sheila F. **O Uso de Oficinas como Método de Intervenção em Grupos Comunitários.** In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2., Belo Horizonte, 12-15 set. 2004. *Anais*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.